

Identities, Values and Changes:

o poder da identidade profissional.

Os bibliotecários subsistem na era da informação?

Maria Tereza Machado Teles Walter

RESUMO

O trabalho aborda a questão da construção e desconstrução das identidades profissionais, especialmente focalizando o grupo dos bibliotecários e profissionais da informação, cujo modo de realizar seu trabalho foi profundamente afetado pelas tecnologias de informação e comunicação. A análise é efetuada sob a perspectiva da literatura, por intermédio da qual são apontados os fatores que concorrem para formação das identidades profissionais, além das dificuldades de delimitação das fronteiras de jurisdição de exercício profissional, especialmente no caso dos bibliotecários. Finalmente, identifica-se o entrave para repensar a profissão bibliotecária em função da proteção normativa, mas evidencia-se essa necessidade em decorrência da emergência das tecnologias de informação, de outros grupos de profissionais da informação que concorrem pelos mesmos nichos de atuação, visando à subsistência desse grupo ocupacional.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Profissional. Bibliotecário. Profissional da Informação.

1 INTRODUÇÃO

Identidade, pelo dicionário, é a qualidade do que é idêntico, análogo, semelhante. Pode-se, também, utilizar o termo associado à questão profissional, como o outro possuidor das características que o tornam reconhecível, pessoas que guardam mesmos valores, competências, habilidades, visões e perspectivas sobre propósitos semelhantes ou comuns.

Essa necessidade de sermos semelhantes, de buscarmos nossos pares, vem das características gregárias que os homens apresentam, que os fazem se

reunir em torno de idéias, de ideais, de comunidades e de profissões. E mesmo essas congregações iniciam-se por escolhas nem sempre claras que fazemos em nossas vidas. Escolhas que são muitas vezes ditadas pelo acaso, mais que pela afinidade; escolhas que podem ser fortuitas, representativas de um momento de nossas vidas, mas que perenizamos por diversas razões.

Em seu livro sobre o poder da identidade, Castells (2001, p.22) considera que identidade é o “[. . .] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.” Adiante, o autor prossegue afirmando que “[. . .] do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída.” (p.23).

A construção dessa identidade coletiva que reflete os significados tanto para aqueles que se sentem partícipes daquele grupo específico, quanto para a sociedade em geral, é um processo complexo pois mesmo a visão sendo coletiva é feita de indivíduos, que possuem suas idiossincrasias, seus valores, seus medos, seus desejos particulares.

A identidade profissional é um dos aspectos dessas várias identidades que possui cada sujeito, conforme Castells (2001), e pode ser estudada em função de suas características explicitadas pelo grupo, pelos reflexos sociais que esse segmento produz, pelos valores que levaram à constatação de existência de uma sociedade e pelas crenças que permeiam o imaginário de seus membros.

A Psicologia é uma área que tem muitas pesquisas nessa linha, variando os focos da necessidade de integrar um sujeito a um grupo ou comunidade, até as maneiras como se constroem as identidades e que mecanismos interferem nesse processo. Um exemplo disso é uma pesquisa sobre a formação da identidade ocupacional de adolescentes da periferia de Porto Alegre, em que são abordados os pontos de certa forma determinantes para as pessoas e para suas vidas e que consistiram na capacidade de identificar a identidade pessoal (quem sou?), que, segundo os pesquisadores, “[. . .] guarda íntima relação com a escolha vocacional (quem quero ser?), em consonância com os interesses e habilidades do adolescente (do que eu gosto?).” (SARRIERA et al., 2001)¹. Ainda, segundo esses autores, a escolha da profissão é uma maneira de responder aos anseios, expectativas e habilidades do indivíduo.

Essas escolhas que fazemos na adolescência, que significam, então, uma projeção do que queremos construir de nós mesmos, poderá ser determinante para nosso exercício profissional e para o que agregaremos de valor ao nosso

¹ Documento eletrônico.

desempenho.

Conforme Allen (1998), pessoas que escolhem a mesma carreira e pertencem a um mesmo grupo ocupacional têm muito em comum. De acordo com seu trabalho, os valores da profissão têm importante papel na atração de indivíduos que desejam participar desse grupo.

No caso dos profissionais da informação, focalizando mais especificamente os bibliotecários, em cuja sociedade da informação deveriam, em tese, ter um papel de destaque, observa-se, em vários textos, que sua identidade é difusa, seus contornos modificam-se paulatinamente e seus valores ainda se constroem.

É propósito desse breve estudo identificar, por meio da literatura, de que forma se edificam os valores e as crenças que identificam essa categoria profissional e como foram afetados pelas tecnologias de informação e comunicação.

2 O QUE CARACTERIZA IDENTIDADE

No primeiro volume da série *A Era da Informação: Economia, sociedade e cultura*, Castells (2002) traça um robusto panorama sobre a sociedade em rede e o significado da maciça introdução das tecnologias da informação na vida das pessoas. As transformações foram gigantescas, se considerarmos a mudança profunda em todos, literalmente todos, os processos da vida das pessoas. Nada se faz mais como se fez em outras épocas e mesmo que os princípios, propósitos e destinatários tenham permanecido, a forma de fazer foi alterada. Essa mesma constatação foi feita por Barros (2001, p.74), que coloca esse ponto de maneira bastante clara quando diz que:

Os estudos que buscam caracterizar e analisar as transformações por que passam as sociedades contemporâneas tomam, geralmente, como ponto de partida os avanços científico-tecnológicos ocorridos na segunda metade do século XX. Isso porque na base explicativa desse processo histórico está evidente o papel fundamental de um novo paradigma tecnológico organizado sobretudo em torno da tecnologia da informação.

Em trabalho que visava à identificação de conteúdos para serem disponibilizados na rede, no projeto da Sociedade da Informação no Brasil, Miranda (2000) insere o tema da identidade cultural, quando constata que as novas tecnologias de informação e comunicação revolucionaram e fragmentaram o indivíduo, fazendo-o assumir várias identidades. Para ele, identidade não é fixa, mas é construída e desenvolvida nos vários contextos em

que o sujeito deve viver, atuar, trabalhar, relacionar-se.

Que a internet e as tecnologias de informação revolucionaram o modo de agir e de interagir de quase todos os segmentos profissionais, parece ser consenso e fundamenta vários estudos sobre identidades. Terêncio e Soares (2003) confirmam essas características de fragmentação e de multifacetadas das identidades pessoais, resultado do advento da internet e das novas formas de relacionamento e interação. Embora o espectro de sua pesquisa fosse a questão de orientação profissional, nesse novo contexto, as mudanças na construção das identidades foram evidentes para eles, pois conforme Ciampa (1994)² apud Terêncio e Soares (2003), “[. . .] não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade.”

Outro autor que constata a influência da internet na questão da identidade é Agier (2001), que apresenta um enfoque diferente, relacionando com a cultura. Em seu texto ele discute que a definição de identidade não existe dissociada de um contexto. E esse contexto é uma comunidade específica que guarda suas características, valores, culturas. Adiante ele constata que a internet explodiu essa noção de comunidade, pois tornou o mundo interlocutor de cada indivíduo. Evidente que essa influência é mais expressiva e concreta para aqueles que têm acesso à rede, mas a extensão de sua interferência não pode ser desprezada por nenhum estudo dessa natureza.

Mesmo que os textos não se arrisquem a definir identidade, parecem tender a considerar que a identidade é reflexiva, isto é, o sujeito identifica-se com o que percebe nos contextos que transita; ela é contextualizada; a noção de valor e cultura permeia sua significância; e, finalmente, as tecnologias de informação e comunicação têm sido determinantes para a fragmentação do indivíduo, que possui o mundo como seu parâmetro. Mas, aparentemente, ainda permanece a busca do indivíduo de pertencer, mesmo que de variadas maneiras, mesmo que a variados grupos.

3 IDENTIDADE PROFISSIONAL – IDENTIDADE DOS BIBLIOTECÁRIOS

Retomando Allen (1998), que busca um entendimento acerca do que pode ser a definição de identidade profissional, seu trabalho consiste na tentativa de compreensão de quais são os fatores que servem de atrativos para as pessoas que escolheram determinada profissão. Isso provavelmente

² CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S. T.; GODO, W. (Org.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 58-75. Apud TERÊNCIO; SOARES, 2003, p.140.

significa que aquele grupo de pessoas identifica, nas características que ele percebe dos profissionais, pontos de convergência com seus desejos e suas expectativas de realização de sonhos e projetos.

A questão da identidade profissional no grupo ocupacional dos profissionais da informação tem sido bastante debatida, exatamente pelas mesmas razões que afetam outros grupos. As tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet, tornaram essas fronteiras mais difusas e confusas, além de as necessidades sociais para a profissão também estarem sendo alteradas por esses mesmos motivos.

Mueller (2004, p. 25), estudando os profissionais da informação sob a ótica de Abbott, identifica alguns pontos acerca de jurisdições e de delimitações que passam pelo entendimento de questões como “[. . .] processo de profissionalização e papel na sociedade.” Esses contornos podem ser analisados e entendidos sob o enfoque das identidades, que de todo modo marcam, definem e concentram algumas características de tal forma que as pessoas que integram essa comunidade possam se reconhecer.

Na parte que analisa o trabalho profissional em relação à vulnerabilidade das profissões, a autora, citando Abbott³, define que “[. . .] a capacidade de resistência de uma profissão dominante a desafios de profissões rivais varia de acordo com a natureza de sua tarefa profissional, [. . .]”, e do problema que se pretende resolver. E uma profissão provavelmente se fortalece na medida em que seus integrantes se reconhecem como semelhantes e percebem a razão de “lutar” por soluções de necessidade semelhantes.

O trabalho de Mueller (2004) é bastante interessante quando discute que essas identidades foram sendo alteradas de maneira profunda com a competição de outros grupos. No caso dos bibliotecários, por exemplo, em que há uma legislação que protege determinados espaços de trabalho, definindo, por exemplo, que para chefiar bibliotecas apenas os bacharéis em Biblioteconomia, as próprias organizações se defendem alterando as denominações para setores de informação, serviços de informação ou semelhantes, cujo leque permite que outros segmentos possam assumir e liderar. Isso porque há outros perfis que atuam no mundo da informação, especialmente os pós-graduados em ciência da informação e documentação, que reivindicam suas possibilidades de assumir posições de controle dessas organizações, em função de reconhecerem, em suas habilidades, capacidades e identidades, características que os permitiria liderar com a mesma competência de-

³ ABBOTT, Andrew. *The System of Professions: na essay on the division of expert labour*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988. Apud MULLER, 2004, p. 31.

fendida de forma normativa pelos bibliotecários.

Essas questões interferem diretamente nas zonas de conforto dos profissionais que antes detinham esses “territórios”, confirmando-se a tendência de que cada vez mais as identidades segmentadas e múltiplas num único sujeito, nas várias situações de sua vida, o habilitam a integrar diferentes grupos. Conforme Mueller (2004) apresenta, no caso do Brasil aparentemente a Biblioteconomia absorveu de forma mais pacífica a ciência da informação, incorporando os conceitos em seus discursos e mudando o enfoque dos cursos de pós-graduação e das pesquisas na área.

Santos (2002, p.104) é outra autora que reconhece que a profissão bibliotecária tem se alterado em decorrência de diversos fatores, no caso de seu estudo específico, notadamente decorrente do uso maciço das tecnologias de informação. Para ela, “[. . .] a Biblioteconomia passa por um momento importante de reflexão, de (re)dimensionamento de sua identidade [. . .]”, em que outros

Em seu estudo sobre a história dos princípios da Biblioteconomia, Thompson (1977) descreve de forma bastante interessante a trajetória da profissão bibliotecária, quando cita Edward Edwards em seu livro *Memoirs of Libraries* (1859)⁴, para quem as qualidades que definiriam um bibliotecário de maneira mais básica eram: “[. . .] ser um amante de livros; um homem de hábitos metódicos e dotado de uma mentalidade de organização; um homem de temperamento cordial e de comportamento cortês.” Embora essa visão possa ser considerada bastante romanceada e simplista, parece ainda permear o imaginário da sociedade que normalmente associa os bibliotecários com os dois primeiros grupos de características, não necessariamente com a terceira premissa, relativa ao seu comportamento *desejável*.

Acerca das imagens e papéis que os bibliotecários assumem, embora mais focalizado no contexto dos Estados Unidos, é o livro editado por Arant e Benefiel (2002), que apresenta um variado estoque de estudos acerca da percepção em relação às atitudes comportamentais e características de atuação vistas pelos próprios profissionais, pelos usuários, como aparecem no cinema e na literatura, os estereótipos e projeções para a carreira.

Evidentemente a profissão mudou, tornou-se feminina, por atrair majoritariamente as mulheres para seu exercício, ainda busca sua identidade, conforme atestam os vários textos que discutem papéis, funções, habilidades, currículos ideais e, principalmente, mercados potenciais de atuação.

⁴ EDWARDS, Edward. *Memoirs of Libraries*. London: Trübner, 1859. Apud THOMPSON, 1977, p.110.

Contribui para essas discussões o maciço ingresso das tecnologias de informação, que ocasionaram mudanças profundas no modo de fazer bibliotecário e tem provocado o repensar de perfis profissionais, o que é confirmado por Mosley (2002, p.168), quando, comentando acerca do futuro dos bibliotecários, disse que “[. . .] uma constante que se pode estabelecer com alguma certeza é o aumento do papel da tecnologia na execução de tarefas diárias.”

4 VALORES E MUDANÇAS NA ERA DA INFORMAÇÃO

Conforme Allan⁵, apud Dole, Hurych e Koehler, valores podem ser definidos como “[. . .] idéias abstratas mantidas por indivíduos ou grupos sobre o que é desejável, próprio, bom ou mau.”

Além da definição de valores na tentativa de entender as identidades, inclui-se a necessidade de delimitação do objeto de trabalho dos profissionais da informação, que se distinguem de outros profissionais e atuam no conjunto de dados que auxiliam na construção de seus valores e os tornam “idênticos” e reconhecíveis. Smit (2000, p.121), fazendo “[. . .] um corte epistemológico neste universo informacional [. . .]”, identificou como objeto de trabalho da Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia “[. . .] uma informação que foi registrada, tendo, portanto, em algum ponto do universo uma existência concreta, um suporte.”

Em capítulo que trata de questões como formação profissional e habilidades para o profissional da informação nesse mundo globalizado, competitivo, no qual dominam as tecnologias de informação, Borges (2004, p.68) apresenta reflexões bastante interessantes que incluem pontos como as jurisdições, educação continuada e quebra de monopólios de atuação, onde “[. . .] o reconhecimento das atividades humanas [. . .]” é baseado “[. . .] em novos paradigmas e conceitos de sociedade da informação e do conhecimento.” Nesse sentido, valores são construídos por outros códigos que não os normativos, mas fundamentalmente relacionados com o exercício profissional baseado nas habilidades que são apreendidas e desenvolvidas de forma continuada pela educação e aprendizado autônomo.

Na construção dos valores da profissão, Allen (1998, p. 416) realizou pesquisa junto aos estudantes de Biblioteconomia, em comparação com estudantes de Administração (*business*) com base nas seguintes questões:

⁵ ALLAN, D. Values. In: MCLEISH, K. Key Ideas in Human Thought. *Facts on File*, New York, 1993. p.4. Apud DOLE; HURYCH; KOEHLER, 2000, p. 285.

- a) Se existem valores de trabalho que são comumente mantidos pelos indivíduos que buscam a carreira em Biblioteconomia;
- b) Se o conjunto de valores em Biblioteconomia é distinto de valores de trabalho identificados em outros grupos ocupacionais;
- c) De que modo o conjunto de valores em Biblioteconomia distingue esse grupo de indivíduos. (Tradução nossa, adaptada).

Os resultados desse estudo são interessantes e definem um padrão de comportamento e visão profissional encontrado nos estudantes de Biblioteconomia de modo geral, o que sugere que a busca por determinada profissão provavelmente revela as semelhanças de identidades, ideologias e de perspectivas profissionais. Esse quadro, segundo o autor deveria orientar tanto as escolas quanto os gerentes de bibliotecas e serviços de informação, na condução e estímulo de seu pessoal, cada um em sua esfera de responsabilidade.

O importante desses questionamentos não é apenas identificar padrões de comportamento que reforcem atitudes de forma simplista, mas sim compreender a função das identidades de maneira a possibilitar o entendimento de comportamentos manifestados e que podem servir de impulso positivo ou negativo para a carreira e para a profissão, dependendo da forma como estes são canalizados.

As mudanças de papel e de valores não devem ser vistas como perigos de perda de identidade, mas uma decorrência natural num mundo em que as mudanças advindas das tecnologias de informação e comunicação alteraram de forma substancial o fazer bibliotecário, ampliando e explicitando a quebra de fronteiras, que na verdade as bibliotecas de certa forma sempre patrocinaram. Assumir novos papéis e identidades deveria ser um processo natural da evolução da própria sociedade. E textos que discutem esses novos papéis são muitos e em quase todos há um reconhecimento de que a essência do trabalho, que é de organizar, tratar e mediar a informação permanece, ampliada, todavia, para outras funções igualmente importantes como *marketing*, editoração, pesquisa, ensino (CHENG, 2001; BRAUN, 2002).

A construção e reconhecimento de valores podem ocorrer de diversas formas tanto espontâneas – “imitação” de profissionais que estão em atuação e que indicam maneiras de atuar e de pensar a profissão – quanto decorrentes de normas regulamentares – como os códigos de ética e leis que regulamentam as profissões. De todo modo, as novas gerações embora incorporem aquilo que percebem, incluem novos olhares e paradigmas, especialmente por pertencerem à sociedade em que as tecnologias de comunicação e

informação têm sido incorporadas, mesmo que de forma estratificada em decorrência das diferenças econômicas.

Aliás, num mundo em que a economia impera, os mercados são determinantes para a formação e mudança de valores em provavelmente todas as profissões. E textos que tratem da relação de mercado e habilidades e competências raramente tratam das identidades e dos valores, mas de formar profissionais que respondam a esse mercado. Pode-se, de certa forma, então, extrapolar considerando que a necessidade de sobrevivência nesse mundo competitivo, globalizado, em constante desenvolvimento tecnológico, é a maior causadora das mudanças de postura, valores e perspectivas profissionais, conforme atestam os diferentes textos que tratam de mercado e perfil profissional (FERREIRA, 2003; BARBOSA, 1998; BORGES, 2004; BRAUN, 2002; GRIFFITHS, 1995).

5 CONCLUSÕES

Se a procura por determinadas profissões pode significar um reconhecimento de valores e semelhanças que de certo modo respondem às necessidades do indivíduo em relação ao futuro que ele projeta para si mesmo e para a sociedade, pode igualmente redundar em um posicionamento de retranca, de negação de mudanças e de não aceitação da introdução de novidades que possam fragilizar suas crenças.

No bojo dos trabalhos que tratam de perfil profissional incluem-se, de certa forma, os processos de construção dessas identidades, por meio das quais nos tornamos mais confiantes por nos reconhecermos pertencentes a grupos, que de todo modo parecem ser mais fortes e resistentes que os indivíduos dissociados dessas imagens, sejam elas projeções reais ou manipuladas.

Há enormes interesses que permeiam esses processos em relação às profissões, pois podem significar maior ou menor poder de disputa em mercados cada vez mais antropofágicos e destruidores de feudos. E essas questões podem ser assustadoras para grande parte dos indivíduos, que têm foco mais dirigido para a questão básica da sobrevivência que propriamente para a oferta de um perfil que a sociedade reconheça como necessário e vital para ela mesma. E investe-se um tempo enorme para manter o *status quo* mais que para o aprendizado e a inserção por meio da educação.

A discussão acerca do perfil profissional dos bibliotecários e profissionais da informação não é pequena, não é recente e não é doméstica. Falar sobre identidades e valores implica em reconhecer semelhanças, mas pode

servir, sobretudo, como fator de mudanças pela consciência que os grupos podem ter de que a humanidade provavelmente espera que atitudes e identidades sejam alteradas de tal forma que aquela profissão subsista e possa ser reconhecida socialmente como necessária, não pelo discurso, mas pelas práticas oferecidas por ela a essa sociedade.

Quanto se deve manter de núcleo para que essa profissão permaneça, parece ser uma resposta difícil e complexa. No caso específico dos bibliotecários e profissionais da informação esses pontos são fortemente impactados pelas tecnologias de informação e comunicação, que de todo modo explicitaram a existência dessa força de trabalho, antes restrita aos grupos ligados a escolas e universidades, especialmente no caso do Brasil.

Se por um lado informação passou a ser reconhecida, de fato, como recurso e os bibliotecários como potencialmente aptos a participar da divisão de trabalho com esse foco, por outro demonstrou a fragilidade das identidades construídas talvez pela formação, talvez pela incapacidade de responder rapidamente às mudanças ou ainda pela quase inexistência de forças de ligação entre seus profissionais. A massa de trabalhadores que estava no mercado teve que se adaptar aos novos tempos e mudar nunca é muito fácil, pois vencer inércias é efetivamente muito difícil.

A literatura que trata da formação e dos perfis profissionais tem apregoado a necessidade urgente de revisão de práticas, conceitos e tendências. Mas essa pregação não terá ressonância a não ser que a própria sociedade, que não é tão facilmente controlável quanto uma organização que pode manter modos de fazer por muito tempo, altere esse fluxo, sufocando de maneira radical aquelas instâncias que não merecerem, sob sua ótica, os investimentos e as estruturas que são mantidas, especialmente no poder público. As pessoas querem respostas e querem rapidamente.

Mexer com identidades, alterá-las, não é um processo tão rápido, pois se trata de seres humanos, com suas crenças e valores, que se tornam mais e mais arraigados quanto mais tempo em um determinado modo de fazer. E os profissionais podem se tornar de tal modo fundamentalistas que perderão a chance de mostrar todo encanto que pode ser mudar, adaptar-se e construir novos futuros e novas identidades, que respeitem as essências de suas crenças, mas que respondam aos anseios daqueles que, em última instância, se servirão de sua força de trabalho que é a própria sociedade.

Essa revisão de identidades profissionais para os bibliotecários e profissionais da informação passa pela revisão radical de escolas, corpo docente, marketing profissional e modos de fazer e de dominar conhecimentos. Isso

pode não ser fácil, pode ser doloroso, mas pode significar, também, uma questão de sobrevivência.

Identities, Values and Changes: the power of the professional identity. Do the librarians survive in the information age?

ABSTRACT

Construction and deconstruction of professional identities are discussed focusing librarians and information professionals, who have had their work deeply affected by information and communication technology. Factors helping to build professional identities and difficulties in establishing professional frontiers are analysed, especially regarding librarians. Rethinking librarianship is pointed out as a need (in spite of legal protection) resulting from the emergence of technologies coming from other groups of information professionals acting in the same area, aiming at the survival of librarians as an occupational group.

KEYWORDS: Professional Identities. Librarians. Information Professionals.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.

ALLEN, Gillian. Work Values in Librarianship. *Library & Information Science Research*, Boston, v. 20, n. 4, p. 415-424, 1998.

ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (Ed.). *The Images and Roles of the Librarian*. New York: The Haworth Information Press, 2002. 186p.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas Profissionais e Educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998.

BARROS, Fernando Antônio Ferreira de. Os Avanços da Tecnociência, seus Efeitos na Sociedade Contemporânea e Repercussões no Contexto Brasileiro. In: BAUMGARTEN, Maíra. *A Era do Conhecimento: matrix ou agora?* Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Brasília, DF: Ed. UnB, 2001. P.73-87.

BORGES, Maria Alice Guimaraes. O Profissional da Informação: somatório de formação, competências e habilidades. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da Informação: o espaço de trabalho*. Brasília, DF: Thesaurus: CID-UnB, 2004. P. 55-69.

BRAUN, Linda W. New Roles: a librarian by any name. *Library Journal*, Feb. 1st 2002. Disponível em: <<http://www.libraryjournal.com/>>

index.asp?layout=articlePrint&articleID=CA191647>. Acesso em: 12 jun. 2004.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 3ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

_____. **A Sociedade em Rede**. 6ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1).

CHENG, Grace. The Shifting Information Landscape: re-inventing the wheel or a whole new frontier for librarians. **New Library World Journal**, Bradford, v. 102, n. 1/2, p. 26-33, 2001.

DOLE, Wanda V.; HURYCH, Jitka M.; KOEHLER, Wallace C. Values for Librarians in the Information Age: an expanded examination. **Library Management**, Bradford, v. 21, n. 6, p. 285-297, 2000.

FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da Informação: perfil e habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003.

GRIFFITHS, J.-M. The Changing Role of Librarians: managing new technologies in libraries. **Vistas in Astronomy**, Amsterdam, v. 39, p. 127-135, 1995.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

MOSLEY, Pixey Anne. Shedding the Stereotypes : the librarians in the 21st century. In: ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (Ed.). **The Images and Roles of the Librarian**. New York: The Haworth Information Press, 2002. P.167-176.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Uma Profissão em Evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott – proposta de estudo. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da Informação: o espaço de trabalho**. Brasília, DF: Thesaurus: CID-UnB, 2004. P. 23-54.

SANTOS, Plácida L. V. Amorim da Costa. As Novas Tecnologias na Formação do Profissional da Informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 103-116.

SARRIERA, Jorge Castellá et al. Formação da Identidade Ocupacional em Adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 jun. 2004.

SMIT, Johanna Wilhelmina. O Profissional da Informação e a sua Relação com as Áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **O Profissional da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. P. 119-134.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves; SOARES, Dulce Helena Penna. A Internet como Ferramenta para o Desenvolvimento da Identidade Profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p.139-145, jul./dez. 2003.

THOMPSON, James. The Role of the Librarian. In: _____. **A History of the Principles of Librarianship**. London: Clive Bingley, 1977. P.102-138.

Agradecimento: À professora Dr^a. Sofia Galvão Baptista pelas orientações e críticas.

Maria Tereza Machado Teles Walter

Mestre em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília.

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília

Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal, Brasília. DF

Membro do Grupo de Pesquisa sobre Formação Profissional e Mercado de Trabalho da Unb.

E-mail: mtmtwalter@terra.com.br